



1894

Balladilhas

Coelho Netto - 1894 - editor, Domingos de Magalhães - Rio.

Fui um dos primeiros a ler esse livro encantador, cunhado por esse trabalhador da forma, esse ourives da phrase, esse Benvenuto Cellini do estylo - Coelho Netto. São vinte oito joias de differente quilate, de todas as cores, uma collecção de pedras preciosas, raridades scintillantes de ideias, fechadas em escrínios maravilhosos de forma, de um luxo rico de phrases, d'essa belleza não artistica que Coelho Netto forja dia a dia na officina do seu grande talento. O author parece ter aprendido a escrever na mesma escola fantasiosamente idealista de Castelle Mendes. Como elle, tem a adoração extasiante da Forma, mas a forma encerrando a Ideia, como uma gavra de ouro segurando um brilhante, como uma cortesia argentea, refulgindo de lascas preciosas, e encerrando a hostia, como um tabernaculo entalhado em cedro e guardando um sacerdotio, como um corpo formoso e perfeito de mulher, plastica divina da Forma contendo a Ideia sublime - o coração! Levarme-hia longe o fallar vagamente que fosse do author e do livro. Já quasi todos conhecem os dois.

Coelho Netto diz serem as "Balladilhas" o fim da primavera de sua alma...  
 Elle deixa assim a primavera, o



ingrato, quando ella é um molhe de  
flôres inebriantes, quando ella tem um  
ceo todo lavado de anil e aureolado de  
~~rosa~~ sol, quando ella tem para elle  
a peregrina e lapidaria formosura do Ideal  
perfeito, amoroso, quando ella para elle  
fez abrir e enverdecer mais cedo as  
folhas dos loureiros!...

A sua prosa esmerilhada em oiro  
puro, filigranada como um cobre  
florentino, extrahida como uma reliquia  
de Byzancio, requintou a belleza nas  
paginas emballadoras das "Balladilhas".

A cada voltar de pagina se encontram  
phrases de uma esthetica tão extraordinariamente  
perfeita como esta: "Os procellarios gritam  
na desolada friura e de espaço a espaço  
estala formidanda a oza colossal de um  
albatroz que passa". Vime-ha um cantico  
em alexandrino, uma oza cahida de um  
poema que vâa!

Theophile Gautier envolve a sua prosa em  
um manto de brocados orientaes, fulgidos de  
thama de oiro, o seu estylo tem a pompa  
cegante, estonteadora de um prestito triumphal,  
Coelho Netto tem a adjectivação retida do  
grande mestre francez, mas o seu descriptivo  
asenta em um fundo mais claro, tem  
por vezes o parnasianismo deslumbrado, e os  
seus marmores tem aureas veias e não  
a ~~negra~~ grega aloura de Leconte de Lisle,



a lapidação do seu estilo é mais natural,  
e menos trabalhada, o seu traçar é mais  
de refino que de veludo, a sua prosa é  
adornada como a bainha de um  
balthão toledano e não marchetada de  
estribantes coloridos como a do ~~escrpto~~  
~~frances~~ <sup>magico</sup> da "Lanterna Magica".

O primeiro conto das "Balladithas" - "Mater",  
é uma illuminada da côr do mar,  
solente como um resfolegar de vagaria,  
brando e amoroso como se fosse escripto  
por alva mão de mulher, "Os Cegos" tem  
uma melancholica lyrica indefinida, e  
o "Aroma das Camélias" é uma poesia  
faetada na prosa. Salvanes, uma  
 scena barbara repassada docemente de  
amor, devia derivar em uma corrente  
mais negra de palavras, a pena que  
tracou esta ballada gaulesa é a  
mesma que desenhou o primor innocente,  
a pagina clara e lyrica do "Mystico",  
em que a payagem tem uma leveza  
de aquarella de uma perfeição  
inexcedivel de form suave, campos  
dilatando ás soalheira searas doiradas,  
cantares de segadoras e ceifeiras, mugidos  
de bois arrastando pelos caminhos em  
chiadeira os carros, e atravez d'esse  
cenario colorido de sol, a evocação  
arrecamada de um sonho biblico, subtil,

sorrindo !...

Fez essa oração de amor, esta phrase maravilhosa: "O paraizo das mães é junto ao berço dos filhos".

Paraizo ideal onde ellas são as santas e elles os seraphims !...

Nesse conto, em rythmo de ballada, desprende-se com azas archangelicas a visão deslumbradora do paraizo. As palavras animam-se como movidas por um sortilegio magico ineffavel. Abre-se o ceo com choras de anjos de azas brancas, resplendores de astros, incenso, ethero, de luz liquifeita em uma quintessencia de forma paratiziaca.. Nesse quadro de privilegiado, n'esse arroubo de arte, ha o defecho amantissimo de um drama maternal que arrastou já pelo cemiterio silente, de arvores desgrenhadas, e pela morada gelida da morte.

Vem-me a tentação de banhar estas linhas com o entrecorrido todo luz e aromas d'esse conto assombroso, mas seria roubar-lhe muito encanto e não deixaria ideia sequer d'esse primor, a admiração das minhas phrases. Melhor fora que vós mesmos o lesseis que vol'o contasse



Carlos Dias